

**Homens viciosos de vivo entendimento: os espanhóis da América como sujeitos de reforma pela dieta no tratado de Juan de Cárdenas (México, 1591).**

**Hombres viciosos de vivo entendimiento: los españoles de América como sujetos de reforma por la dieta en el tratado de Juan de Cárdenas (México, 1591).**

Alexandre C. Varella\*

**Resumo:** *Problemas y secretos maravillosos de las Indias*, do médico Juan de Cárdenas formado na Universidad de México, é o objeto central da análise. Está no cerne do tratado do imigrante a instrução, senão admoestação aos espanhóis nascidos ou criados no Novo Mundo por seguir as regras de dieta numa terra de clima tropical, com alimentos e hábitos diferentes da Espanha e em boa parte emprestados aos indígenas. Procurador da distinção social em termos aristocráticos e doutos, busca um sujeito ideal, que teria corpo de compleição sanguínea e colérica, para usufruir com cuidado a região que traria enfermidades fleumáticas. O crioulo devia selecionar práticas ancestrais e precaver-se de crenças e invenções culinárias no cadinho de povos e tipos sociais. O principal objetivo do artigo, portanto, é analisar o discurso que seja do profissional ou professoral de Cárdenas, por modificar pela dieta os espanhóis bem nascidos na América.

**Palavras-chaves:** dietética. corpo crioulo. Contra-Reforma.

**Resumen:** *Problemas y secretos maravillosos de las Indias*, del médico Juan de Cárdenas formado en la Universidad de México, es objeto central de este análisis. Es central en el tratado del inmigrante la instrucción, y hasta la amonestación a los españoles nacidos o criados en el Nuevo Mundo por seguir las reglas de dieta en una tierra de clima tropical, con alimentos e hábitos diferentes a los de España y en buen parte prestados de los indígenas. Procurador de la distinción social en términos aristocráticos e doctos, busca un sujeto ideal, que tendría cuerpo de compleción sanguínea y colérica, para disfrutar con cuidado la región que traería enfermidades

---

\* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Estudos Latino-Americanos (IELA-UNILA).

flemáticas. El criollo debía seleccionar prácticas ancestrales y precaverse de creencias e invenciones culinarias en el crisol de poblaciones y tipos sociales. El principal objetivo del artículo, por lo tanto, es analizar el discurso sea profesional o profesoral de Cárdenas, por modificar por la dieta los españoles bien nacidos en América.

**Palabras-claves:** dietética. cuerpo criollo. Contrarreforma.

É preciso que o homem que é inteligente, dando-se conta de que a coisa merecedora de mais importância para as pessoas é a saúde, saiba por seu próprio juízo prestar-se a si mesmo ajuda nas enfermidades, e saiba também diagnosticar o que os médicos dizem e administram sobre seu corpo...

(*Sobre as afecções, Corpus hippocraticum*)

Quatorze anos de idade devia ter o andaluz Juan de Cárdenas ao aventurar-se no ultramar e desembarcar no Novo Mundo em meados da década de 1570. Logo seria amparado na Cidade do México pelo filósofo jesuíta Antonio Rubio.<sup>1</sup> Com cerca de vinte e seis anos, mas já acostumado à nova terra e ao ambiente das letras na capital da Nova Espanha, Cárdenas vai concluir um tratado que em março de 1590 receberá chancela para a publicação. Faltavam-lhe dois meses para obter o grau de doutor nas artes de cura, discípulo que fora do único catedrático da faculdade de medicina na época, Juan de la Fuente, autoridade do Santo Ofício.<sup>2</sup> Foi no ano seguinte que da casa de Pedro Ocharte sai a *Primera parte de los problemas y secretos maravillosos de este occidental y nuevo mundo de las indias*.<sup>3</sup>

A proposta do jovem médico e escritor foi inaugurar, nesta parte do globo, a tarefa de elucidar pelo exame filosófico as matérias inusitadas da portentosa natureza que carecia de escritores para engrandecê-la (CÁRDENAS, 1980, p. 68). Mas a própria natureza da obra pueril é bem peculiar, o que chama a atenção de vários investigadores por diversos motivos.

Não se trata, obviamente, da primeira história das riquezas naturais e das

---

<sup>1</sup> O qual volta à Espanha na virada de século tornando-se conceituado comentador de vários tratados de Aristóteles na *Lógica mexicana*, assim chamada porque foi rascunhada durante a longa experiência no Colégio Máximo da Companhia de Jesus na capital novo-hispânica. (TORCHIA ESTRADA, 2009, p. 101).

<sup>2</sup> Desde a entrada formal da Inquisição no México, em 1572, De la Fuente é nomeado médico da instituição. Deve ter passado pela França, considerando a literatura médica de ponta e obras humanistas na lista de livros que havia trazido da Espanha. Mas não deixou obra publicada (GONZÁLEZ GONZÁLEZ, 1995, p. 133-137).

<sup>3</sup> Pouco se sabe da vida de Cárdenas que não de seus próprios apontamentos na única obra ao que tudo indica produzida, apesar de ter anunciado uma segunda parte dedicada ao vice-reino do Peru. Já se aventou que esteve pelas minas de Potosí antes de se fixar na Nova Espanha (URANGA, 1967), o que é improvável. Outro tanto da biografia se obtém dos registros universitários (LOZOYA, 1980). Neste artigo as referências à obra – em diante *Problemas y secretos de las Indias* – são feitas a partir da edição de Xavier Lozoya (CÁRDENAS, 1980), mas também se consultou a versão de Angeles Durán (CÁRDENAS, 1988) com transcrição menos modernizada.

gentes do Novo Mundo.<sup>4</sup> Sendo que um tratado do padre José de Acosta (1962), publicado pela primeira vez pouco antes do texto de Cárdenas, se assemelha enquanto explanação de causas e efeitos dos fenômenos naturais, bem como é fruto da experiência na América, ainda que terminado e impresso em Sevilha, apresentando escopo e erudição incomparáveis. Há sim bom contraste entre Cárdenas e Acosta inclusive na forma de contemplação da natureza, o que leva a pensar em abordagens distintas do médico e do clérigo na cientificação ibérica da América no final do século XVI.<sup>5</sup> Mas, talvez a maior diferença com Acosta seja o lugar da autoridade de Cárdenas. Em famoso artigo sobre as histórias conectadas, Serge Gruzinski (2001, p. 98) avaliou quão original ele foi ao trazer uma perspectiva “indiana” a sua obra, isto é, “no sentido continental e americano”.<sup>6</sup>

Jorge Cañizares-Esguerra (2006, p. 87) sugere que *Problemas y secretos de las Indias*, ao elaborar uma proposta da constituição corpórea dos colonizadores espanhóis, consiste no “primeiro tratado moderno sobre fisiologia racial” cuja “originalidade e significado tem sido negligenciado”. Quiçá, devido à tendência da centralidade analítica na Europa, muitos investigadores ou não o conhecem, ou não querem dar importância ao documento novo-hispânico. Ainda assim, assuntos específicos do livro fazem-no conhecido e citado por especialistas de várias partes. Mas, até agora, pouco se explorou de um caro sentido que está no cerne do tratado: a instrução, senão admoestação aos espanhóis nascidos ou criados na América, de seguir as regras de dieta em terra distante da Europa, com outro clima, outros alimentos e hábitos em boa parte emprestados aos indígenas.<sup>7</sup>

Um dos censores que autorizam a única tiragem que houve do livro na época, o religioso Augustín Dávila realça que os discursos eram conformes à “*buena filosofía y medicina*”. O autor traria “*advertencias muy provechosas para la salud, que cuasi*

---

<sup>4</sup> Basta lembrar as publicações ou manuscritos de González de Oviedo, Las Casas, Cieza de León, Sahagún, entre outros, há décadas terminados ou concebidos no chão da América.

<sup>5</sup> De acordo com Antonio Barrera-Osorio (2006, p. 79), Acosta teria utilizado argumentos empíricos para acrescentá-los aos cânones clássicos e buscava o conhecimento da natureza para vislumbrar a ordem que mostrasse a glória de Deus. De seu turno, Cárdenas quisera entender o que não se enquadrava no ordenamento estabelecido ao observar pela experiência as causas e as relações entre os entes do mundo material.

<sup>6</sup> As citações da bibliografia de apoio em língua estrangeira são traduzidas pelo autor do artigo.

<sup>7</sup> Estudos importantes de história cultural da alimentação e das drogas como de Marcy Norton (2008) e Rebecca Earle (2012) observam alguns aspectos da obra de Cárdenas em discussão de diversos documentos, sem avaliar, contudo, que as precauções dietéticas do autor acima refletem um projeto de reforma dos costumes criollos. Ariel Guance (1995) é dos poucos trabalhos que nota alguma importância para a questão, embora associá-lo ao “pensamento utópico” seja aposta arriscada pelo que o personagem representa em seu contexto.

*nunca se vee libre de achaques en esta tierra*” (CÁRDENAS, 1980, p. 60).<sup>8</sup> A observação do frade dominicano sinaliza para o que de mais útil parecia haver no tratado. Remete à preocupação, em alguma medida compartilhada por gerações de adventícios, de fortes influências ou até condicionantes no corpo humano, das qualidades e efeitos do cosmo, do ambiente próximo, e de algumas práticas comuns nas Índias de ocidente.

No tratado se inscreve espécie de manual na noção estrita de receitas de comidas, condimentos, frutas, bebidas, tal como contém um bojo de considerações em mais amplo conceito de “dietética” ou “regime de vida”, que é o controle de fatores externos a uma relativa e fluida natureza do corpo humano.<sup>9</sup>

Pela observação desses discursos dietéticos, compete aqui o sentido de “regime” como intenção de governo, bem como de introspecção de diversas regras pelos sujeitos no início da colonização da América (VARELLA, 2014).<sup>10</sup>

A “qualidade física” da compleição do ser humano e as “virtudes e vícios” de comportamento religioso e moral se interpenetram nos critérios de saúde em perspectiva holística. Como nos índices complementares de “temperança” ou equilíbrio de fluidos (humores) no corpo e de “moderação”, ou seja, contenção dos abusos para evitar as enfermidades e promover o bem-estar do corpo e da mente e em última instância para a salvação da alma. O tomismo e o galenismo ibérico e hispano-americano observam longa bagagem de autoridades da filosofia natural e moral antiga e da era cristã e sustentam políticas contextuais e projeções da Reforma católica de reconfiguração de crenças e hábitos, inclusive dando particular atenção à interiorização pelos indivíduos de práticas consideradas salutares.

---

<sup>8</sup> As fontes históricas são citadas de acordo com as edições utilizadas de originais no castelhano de época.

<sup>9</sup> Se a palavra “dieta” é forma corriqueira para tratar da prática ou hábito alimentar, o significado de *díaita* no grego antigo é “regime de vida”. Os fatores externos à natureza do corpo eram chamados de “coisas não-naturais” por Galeno. Na consideração de Juan Cruz Cruz (1997, p. 25) poderiam ser nomeados como fatores “pró-naturais”. Na tradução latina da medicina antiga a partir do árabe feita por Joannitius no século IX, aparece o que posteriormente torna-se usual fórmula de “seis não-naturais”: ares e lugares; exercício e repouso; comer e beber; sono e vigília; encher e evacuar; movimentos da alma como a alegria e a tristeza. A atenção sobre as comidas e bebidas vai prevalecer no gênero dos tratados dietéticos a partir da escola de Salerno (ALBALA, 2002).

<sup>10</sup> Este artigo aprofunda a discussão que está na referência acima e em outros trabalhos, tendo em conta uma observação mais concentrada no contexto do autor e obra em destaque, trazendo novas conclusões de pesquisa. Em termos de abordagem analítica, o trabalho se inspira na tradição da história cultural, em considerações como de Paul Ricoeur (2000) sobre a “representação-objeto”. Ou seja, as fontes históricas inferem representações que teriam função “taxonômica”, porque podem revelar os laços dos sujeitos com os espaços sociais, suas filiações comunitárias, etc. Seguindo o autor, as fontes também compreendem uma função “reguladora”, isto é, conferem medidas de valores socialmente compartilhados, bem como as linhas de fratura das múltiplas lealdades. Por fim, a representação deve indicar o que se costuma chamar de visões de mundo, e pode insinuar o sentido de mentalidades na longa duração.

A partir desse panorama é que *Problemas y secretos de las Indias* e seu autor devem ser observados para matizar o significado que historicamente se têm privilegiado da fonte como entusiasta ou prócer da “identidade criolla” no final do século XVI. Seria porta-voz do movimento aristocrático de descendentes dos conquistadores espanhóis, seus familiares e agregados que pejorativamente eram conhecidos como criollos pelos menos adaptados ou recém-chegados à América, em geral comerciantes e mineiros ou oficiais e letrados.<sup>11</sup>

Emilio Uranga (1967, p. 66-67) havia destacado que “a fama póstuma” do doutor Cárdenas “repousa quase exclusivamente no que escreveu sobre o caráter e natureza dos criollos novo-hispânicos”. Bastaria certo trecho de um capítulo específico da obra para que os mexicanos estivessem obrigados a guardar sua memória nos “anais da formação de nossa nacionalidade”. Interessante notar que a historiografia atual, normalmente desprezada do nacionalismo e precisamente de fora do México, não tenha escapado da vista seletiva sobre a fonte histórica, inclusive arguindo que Cárdenas é praticamente criollo.<sup>12</sup> Adiante será avaliada a complexa posição deste personagem que apresenta retórica polemista de compromissos bem particulares, mas que certamente esteve imbuído de princípios de reforma religiosa e moral dos sujeitos criollos, inclusive trazendo ensinamentos a partir da sua compreensão sobre modos de vida indígenas.

Mas as figuras do “índio”, como do “negro”, do “vulgo” ou inclusive da “dama” criolla, por fim, até mesmo os que podem ser quase o reflexo dele próprio Juan de Cárdenas, os criollos de moços a velhos, de camponeses a letrados, todos lhe servem para reter motivos negativos se não se encaixam em suas percepções, crenças, razões. As quais estão inseridas em sua cultura escolástica, ou ainda, vão de acordo com o imaginário ao qual pertence e no qual atua – de âmbito acadêmico e literário. Sem

---

<sup>11</sup> Cárdenas nunca utilizou no seu texto o termo criollo, sem dúvida para não desagradar os descendentes de espanhóis que denomina como nascidos ou criados no novo mundo das Índias. Atualmente se utiliza o termo “criollo” com naturalidade para tratar da afirmação de elites locais da América sob domínio espanhol, que também buscariam distanciar-se dos pobres em geral, particularmente das populações identificadas como índias, mestiças, negras ou mulatas, entre outras “castas”. Mas os criollos, espanhóis “naturais”, se deparam com a crescente miscigenação social nos seus quadros. O que torna difícil o ideal de separação estamental de uma elite com origem espanhola pura. Há uma diversidade de trabalhos sobre as formações criollas que tomariam cada vez mais consciência de sua diferença, de seu poder e desejo de poder especialmente a partir do século XVII. Um bom apanhado da discussão e da crítica aos sentidos das “identidades coloniais” se encontra em Andrew Fisher & Matthew O’Hara (2009).

<sup>12</sup> A complexa questão das identidades pode passar despercebida em obras de grande mérito analítico. Norton (2008, p. 133) identifica “elites criollas como os médicos Juan de Cárdenas e Juan de Barrios” e emenda: “eles nasceram na Espanha, mas vieram a se identificar como criollos”. Outra autora aponta que “Cárdenas foi educado e essencialmente criado no México e assim qualificado como criollo” (MARTÍNEZ, 2008, p. 139).

contar com o fato de que também se encontra numa postura de prático das artes de cura. Considerando essas questões é factível tomá-lo como procurador da distinção social em termos aristocráticos e doutos, comprometendo espanhóis da terra e os imigrados para usufruir com cuidado dos microclimas e hábitos da região tropical, o que inclui a seleção de práticas ancestrais do lugar. Também deveriam precaver-se em relação a certas “invenções” culinárias, isto é, usos estranhos a qualquer tradição no cadinho de povos – Cárdenas afinal buscou processar e interferir na condição moderna do Novo Mundo.

Os “*españoles nacidos en indias*” têm “*lindos ingenios*”, apresentam “*vivo y delicado entendimento*” (CÁRDENAS, 1980, p. 250-251, 255).<sup>13</sup> Contudo, entre eles há “*hombres viciosos que de puro vicio*” fumam exageradamente inclusive para ajudar nas suas maldades sendo “*dignos de mucha represión [repreensão] y castigo*” (p. 241). Muitos têm “*vicio demasiado*” no intercuro sexual e também prejudicam sua saúde pela tamanha comilança (p. 284-285). Esses e outros erros exigiriam a correção pelas regras de comportamento apropriadas à compleição corpórea dos espanhóis praticamente naturais da região.

O principal objetivo do artigo, portanto, é analisar o discurso que seja do profissional ou professoral de Juan de Cárdenas, por modificar pela dieta os espanhóis bem nascidos na América.

#### DOUTA MISCELÂNEA PARA INSTRUÇÃO DOS CRIOLLOS

O aprendiz de filósofo tivera aulas com vários letrados religiosos.<sup>14</sup> Em 1581, logo ao terminar os estudos básicos, vai entrar no “*claustró*”, isto é, no colegiado das “*facultades médicas*”. Em três anos será “*bachiller en medicina*”.

Fundada em 1553, a Real y Pontifica Universidad de México pouco a pouco se torna imprescindível para a formação dos quadros de vários segmentos da burocracia novo-hispânica (GONZÁLEZ GONZÁLEZ, 2005). Corporação por excelência, a universidade vedava o ingresso de mulheres, barrava os índios mesmo que sem proibição expressa, e também não deixava entrar a população sem prova ou argumento de pertencer ao estamento dos “espanhóis”, quer tenham nascido na

---

<sup>13</sup> A partir daqui as referências ao texto de Cárdenas vão apenas com números de páginas, sem indicação do autor e ano da edição.

<sup>14</sup> Além da sumidade Antonio Rubio aponta igualmente a dívida em sua formação filosófica para com o agostinho Juan de Contreras “eruditíssimo maestro” e o “catedrático de prima de teología” Fernando Ortiz de Hinojosa (p. 244), o qual depois chegaria ao cargo de bispo da Guatemala.

América ou nos reinos da Espanha.<sup>15</sup>

Cárdenas, após a formação básica na faculdade de medicina, vai viver em Guadalajara para cumprir residência no hospital de San Miguel. Voltará à Cidade do México em 1588 e pouco depois tomaria o grau de licenciado enquanto concluía sua obra de fôlego e entusiasmo juvenil. Considerando tal trajetória, Lozoya (1980, p. 26-27) estima que foi um esforçado e talentoso estudante em projeção brilhante, mas também observa que nem tudo deu certo para que o doutor pudesse seguir numa carreira promissora. No final do século XVI, ele teve a chance de obter o prestígio e o soldo de professor universitário, mas perdeu dois concursos de cátedra para outros colegas também formados por De La Fuente.<sup>16</sup> Ainda que os fracassos possam ter ocorrido por questão de mérito, é plausível que tenha havido outro tipo de disputa, precisamente vitimado pelo corporativismo criollo.<sup>17</sup>

Se o licenciado em medicina já tinha seus dois pés na América, manifestou grande apreço por sua “*dulce y querida patria Constantina*”, um pequeno povoado “*recreación de Sevilla, jardín de España, ameno y regalado bosque de la Europa*” (p. 243). Mas o fato é que a lembrança de uma bela infância na terra natal não podia esconder que havia buscado horizontes melhores emigrando para a América (DURÁN, 1988, p. 10). Mas nesse novo lar é possível entrever certas rugas com os mesmos criollos que considerou estar provado serem tão inteligentes e cordiais, embora nem todos fossem assim e, aliás, sua compleição denunciava a falta de constância e perseverança nas coisas da vida (p. 250-255).<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> Geralmente só entrava quem provinha de uma família de cabedal ou tivesse algum tutor, que parece ter sido o caso de Cárdenas. Cuidava-se que entre os imigrados não estivesse infiltrado o “judaizante”, o “morisco”, o “luterano”, entre outras máculas relacionadas à consciência da fé, o que significava praticamente uma herança filial e cultural. Por outro lado, principalmente os miscigenados de espanhóis com africanas e indígenas muitas vezes conseguiam ter influência e passar por espanhóis puros (MARTÍNEZ, 2008). A realidade cada vez mais misturada das elites criollas não inibiria as aspirações de ascensão social e eventualmente se abriam as portas dos fundos da universidade na vista de todos (GONZÁLEZ GONZÁLEZ, 2005, p. 262-264).

<sup>16</sup> Só bem depois, em 1607, conseguirá nomeação para a cátedra médica de “vísperas”. Nem se sabe se entrou por concurso, mas enfim, quase nada pôde aproveitar do posto, pois em dois anos veio a falecer tendo apenas quarenta e seis anos de idade.

<sup>17</sup> González González (1995, p. 141) estipula que Cárdenas, imigrante com formação não muito distante dos cânones renascentistas, perdeu os concursos para os doutores Juan de Contreras e Juan de Placencia que são hoje pouco mais que meros nomes. Não produziram obra nenhuma e, ao que parece, sua designação pode ter-se relacionado a questões gremiais: “não seria aventurado suspeitar que tivessem sido criollos”.

<sup>18</sup> É possível associar essa passagem da narrativa a outra de explícito mal-estar com colegas criollos. Ao reconhecer sua falta de experiência e talento como escritor, tendo vivido metade da vida em Castela e a outra “en índias”, lamenta que “no hacía poco en buscar lo necesario a mi sustento (...) sin andar a escudriñar historias ajenas”, considerando ainda que seu livro tratasse de “materia jamás escrita”, tendo que dar respostas contando apenas com sua “pobre imaginación”: “... y ella es la que me pone a riesgo de que muchos (y por ventura de mi oficio) tengan que murmurar y de traer de mí; pero al fin me consuelo que malo o bueno con ser ellos nacidos y criados en índias, y tener mucha más posible edad y experiencia que

Até por questão de sobrevivência, este homem com recursos da retórica ciceroniana atuou como iátrico tanto em hospital como em domicílio, não apenas em México, como em Guadalajara em duas temporadas.<sup>19</sup> Deve-se destacar uma vivência ampla e de conhecimentos práticos desde que era moço. Barrera-Osorio (2006, p. 74-75) destaca Cárdenas entre aqueles que se tornaram “intermediários entre a cultura de inventores, com seus testes e circuitos informais de informação, e a cultura textual da história natural”. Observa uma escrita proativa nas intervenções sobre técnicas de amálgama para a extração das jazidas de prata, mas, antes de qualquer coisa, o produtor do tratado foi perito das artes médicas. O mercúrio da mineração também foi focado como droga para cura de vários males, apesar de considerá-lo forte veneno (p. 171-175). Note-se, especialmente no “*libro segundo*”, o teor de *materia médica* da sua história natural. Na verdade esses gêneros se confundem na exploração literária e utilitária dos primórdios da América (PARDO TOMÁS, 2002).

No título da portada da obra advém a expressão “*secretos maravillosos*”.<sup>20</sup> Mas se Cárdenas sugere aportar uma “*historia natural*” como “*filósofo indiano*” à altura de Plínio, Dioscórides e Avicena, citando animais estranhos da América com significativos poderes jamais descritos, quase nada disso fará parte do tratado. Mas destaca o tabaco, a coca, o milho, o chocolate e as flores para essa bebida do cacau, entre as principais coisas maravilhosas do Novo Mundo (p. 67-69). Boas novas no sentido utilitário de excelentes propriedades e efeitos alimentares e medicinais.

Folheou, tal como Acosta, a edição moderna de Mattioli da obra *De materia medica*, bem como leu a *Historia medicinal* do sevilhano Nicolas Monardes. Mas ambos foram citados não como fontes de ensinamento, que foi a atitude de Acosta. Ao contrário, foram lembrados para serem desacreditados ao tratarem da natureza e das possibilidades de cura pelo tabaco ou pelo milho, pois não tiveram a experiência *in loco* carecendo de verdadeira autoridade.<sup>21</sup>

---

yo, no han sido para otro tanto, estimando en más la pompa y ornato de sus personas, que el predicar y sacar a luz las misteriosas grandezas de esta fértil, grandiosa y opulenta tierra, de la cual habiendo yo con mi bronco estilo, declarando...” (p. 150).

<sup>19</sup> Se na primeira oportunidade escrevia o tratado em estágio médico, na outra vez que se ausenta da capital, ao que parece desiludido pelos fracassos nos concursos, teria ido cuidar do amigo convalescente Santiago de Vera, governador da Nova Galícia, o qual antes tinha sido reitor da Universidad de México.

<sup>20</sup> A tradição da história natural se dinamizará na era barroca do século XVII contando com expoentes como o jesuíta de ascendência germânica Juan Eusebio Nieremberg, a serviço da Coroa Habsburgo em Madri no inventário e especulação de alegorias divinas e outros sentidos ocultos das maravilhas do império global (PIMENTEL, 2009).

<sup>21</sup> Luis Millones Figueroa (2002, p. 97-98) realça o rompimento de Cárdenas com a autoridade europeia ao colocar o milho acima do trigo, que é substância praticamente santificada no mistério da ressurreição de Cristo. E também o milho seria superior à cevada, considerada o cereal mais equilibrado para o corpo

Ainda assim, o médico veio para a América acorrentado ao grande peso da tradição hispânica ortodoxa. Mas *Problemas y secretos de las Indias* é singular dentro das variações literárias de um controlado ambiente letrado. Para Millones Figueroa (2002), o que definitivamente caracteriza sua exposição é o modo de “perguntas e respostas”. Distancia o tratado da filosofia natural tout court e o remete ao gênero pseudo-aristotélico *Problemata*.<sup>22</sup> Em meados do século XVI, a Espanha vê brotar vários livros desse gênero que muitas vezes se compunham de estrofes. Mas Cárdenas propõe uma prosa, e nitidamente para a leitura de pessoas comuns das elites criollas: uma história “*más para curiosos romancistas*”, ou seja, àqueles que não leem o latim, “*que para hombres científicos y letrados*”, os quais não se ocupariam com “*documentos de un hombre mozo*” (p. 64). Em suma, entre os principais destinatários de *Problemas y secretos de las Indias* está o sujeito crioulo tanto da cidade como do campo, ainda que buscasse e tenha conseguido leitores do outro lado do Atlântico.<sup>23</sup>

Em certa medida, as sérias perguntas das entradas dos capítulos evocam entretenimento.<sup>24</sup> O texto parece se filiar à tradição dos “problemas” aristotélicos oscilando entre a expressão mais culta e a mais vulgar, se observado o estilo e o vocabulário que utiliza.<sup>25</sup> Mas, de todo jeito, é filiado ao modo de exposição dialética de Aristóteles e Tomás de Aquino tão caro aos jesuítas.<sup>26</sup>

Cárdenas tivera o estilo aguerrido dos investigadores inicianos, mas também vai comportar a verve mais pedestre de literatura para um público laico. Um pouco

---

humano, segundo Galeno.

<sup>22</sup> O texto fundador de aproximadamente novecentas questões atribuídas a Aristóteles passa por diversas modificações que culminam numa coleção resumida, anônima e em latim chamada *Omnes homines*, de herança medieval tardia. Tanto o texto mais fiel às origens como o mais popular são típicos e influentes no Renascimento (p. 85-86).

<sup>23</sup> Foi encontrado um exemplar no pueblo de Acatlán e o livro teve ampla repercussão no México da época de acordo com vários testamentos e outros registros. E a ambição do escritor de ser lido na Espanha também foi um tanto contemplada (SOMOLINOS D'ARDOIS, 1995, p. 203-204), como brevemente se comenta no final do artigo.

<sup>24</sup> Um exemplo de cada parte da obra: “Por qué causa el sereno de las indias es mucho más enfermo que el de otras provincias” (Lib. 1º Cap. XV); “Por qué causa el zumo de la yuca, si se toma crudo mata, y cocido es de muy buen mantenimiento” (Lib. 2º Cap. XII); “Por qué causa viven los viejos en las indias muy más sanos que los mozos” (Lib. 3º Cap. VIII).

<sup>25</sup> Ver nota 22. Durán (1988, p. 15) cita diversas passagens da maneira coloquial de um tratado ao mesmo tempo arraigado de termos filosóficos e médicos e que apresenta o linguajar vulgar do espanhol ibérico, também impregnado do vocabulário de raiz indígena.

<sup>26</sup> É o método do tutor Antonio Rubio (TORCHIA ESTRADA, 2009, p. 105). Segundo Juan Pimentel (2009, p. 103), os jesuítas tornaram a metodologia derivada dos problemas aristotélicos “um estilo próprio” e acrescenta: “Boa parte da obra jesuíta é marcada por uma atitude de sincretismo, um anseio por registrar teorias alternativas, diferentes opiniões e hipóteses sobre mesmos fatos ou eventos.”

por isso tomou como inspiração o gênero da miscelânea.<sup>27</sup> O autor lembra a famosa *Silva de varia lección* de Pedro Mexía. De fato, muito deve a essa obra. Não apenas quanto ao estilo descontraído, como nos raciocínios e conteúdos das soluções que oferece aos problemas americanos.<sup>28</sup> Mas nega que tenha feito “*una selva de Varia lección indiana para variar los gustos al lector*”. Porque “*cada problema*” vem “*dependiente*” de questão anterior, não podendo “*dejar de encadenar los capítulos*” (p. 63-64). De fato existe uma sequência que é usual nas narrativas da história natural: do macrocosmo, do mundo mineral ao vegetal, até chegar ao microcosmo do corpo e ser humano na cadeia da vida. Porém o que Cárdenas apresenta não foge muito da miscelânea.<sup>29</sup> O “*libro segundo*” começa com as maravilhas da mineração e abruptamente no próprio caput “*se declaran [também] varias propiedades de plantas, frutas y bebidas de esta tierra, de que no recibira poco gusto el lector*” (p. 149).

Se o médico promove a obra como discurso das novidades e estranhezas do Novo Mundo entre a história natural e a miscelânea, estará sempre presente o recado da utilidade para evitar diversos males que seriam característicos da terra americana.

#### O AMBIENTE PARA A COMPLEIÇÃO DOS ESPANHÓIS AMERICANOS

Para ter com algumas receitas do regime de vida é bom contextualizar a avaliação que Cárdenas faz a respeito da constituição corpórea e mental dos criollos. O que teria várias implicações para a saúde (também da alma) desses naturais da América ainda que de procedência espanhola.

Seguindo-se o médico, “*podemos decir que son juntamente sanguíneos coléricos*” (p. 252).<sup>30</sup> Cárdenas havia estabelecido um liame entre a determinação

---

<sup>27</sup> Que desponta com força na Espanha a partir de meados do século XVI para o deleite de quem prezava a autoridade da experiência e o mundo das maravilhas, satisfazendo um universo heterogêneo da cultura urbana em ascensão (ALCALÁ GALÁN, 1996).

<sup>28</sup> Basta mencionar um ou outro capítulo da *Silva* de Mexía (1990): “De la amistad y enemistad que, por secreta propiedad, ay entre muchas cosas. Tráense muchos y muy notables exemplos de cosas que, entre sí, tienen natural amor o desamor”, capítulo IV do terceiro livro (p. 32-39). Aí se refere à contrariedade ou simpatia entre corpos vivos ou inertes, mas que é difícil de explicar pela observação direta das qualidades dos elementos naturais. As chamadas “propriedades ocultas” da natureza americana são o foco do texto de Cárdenas. No capítulo XVIII (p. 120-123): “...Dízese la causa por que a los beodos les parecen las lumbres...”. Remete à explicação de Aristóteles da formação de imagens mentais na embriaguez, o que Cárdenas também expõe de maneira semelhante, especialmente no último capítulo.

<sup>29</sup> Para Durán (1988, p. 15-16) a pluma de Cárdenas “segue obediente o fio de um pensamento nem sempre ordenado”, não faltando ocasião em que interrompe um tema para digressão sobre outro indo e voltando.

<sup>30</sup> O parâmetro para a assertiva de tradição medieval são concepções da física aristotélica, da fisiologia dos humores, do caráter dos povos em Teofrasto. Os humores do corpo e suas qualidades de calor (sangue), frio (melancolia ou bÍlis negra), secura (cólera ou bÍlis amarela) e umidade (fleuma), ainda que para Galeno

climática e também certo princípio que se chame “genético” para tratar da compleição espanhola americana.

A linha mestra de *Problemas y secretos de las Indias* se resume à tese de uma qualidade intrínseca ao continente, o “*temple caliente y húmedo*”.<sup>31</sup> É devido ao clima, portanto, que os criollos são “*generalmente sanguíneos*”.<sup>32</sup> Pondera que a cólera, seca, desponta devido a muito calor que degenera o humor do sangue, o qual é úmido. Mas a presença daquele humor se explica também porque a “*nación española es de suyo colérica*” (p. 252), tal “*como muy doctamente nos enseña Avicena*” (p. 248). Há espaço para a hereditariedade espanhola, basicamente como resquício do macrocosmo da península ibérica que definira os progenitores dos criollos.

Doravante, a sequidade da cólera é o principal responsável pelo ótimo engenho das faculdades mentais, enquanto o humor do sangue caracteriza a expressividade e cordialidade dos criollos. Das nove combinações de quatro humores é a melhor compleição (p. 252-254).

Junto ao recurso da doutrina, o autor parte de outra autoridade: o seu lugar, isto é, a experiência da observação para deduzir tal constituição física. Compara o espanhol nascido na América ao elemento “*chapelón*”, palavra negativa como “criollo”, porém, para a figura do imigrante.<sup>33</sup> Sem dúvida que o escritor, de criança nos campos e no porto de Sevilha, mas depois bem adaptado ao mundo dos criollos, visa agradar o próximo e potencial leitor. Faz isso ao recolocar uma série de motivos advindos de visões e discursos sobre a natureza do Novo Mundo e o seu peso sobre os corpos e populações.

---

fossem basicamente causas de enfermidade, também já seriam considerados definidores da constituição ou “compleição” corporal. Mas só a partir do século XII é que os “temperamentos” ou (des)equilíbrios desses humores seriam determinantes de tipos humanos com características físicas e comportamentais bem específicas (KLIBANSKY, 1989).

<sup>31</sup> O autor completa que “digo ser este, justo principio y exordio, pues al calor y humedad que reina en este indiano suelo se reducen los peregrinos y extraños efectos que después contaremos de esta occidental tierra” (p. 72-73). Na avaliação do médico filósofo, havia grande abismo e muitas cavernas repletas de água por baixo da superfície do Novo Mundo. Devido aos raios do sol praticamente verticais e por haver muitos vulcões, o solo, as águas e os ares terão a característica de bastante calor e muita umidade. O contemporâneo Acosta também se debruçou em descrever as peculiaridades da terra americana para um debate que levava em conta a correção da autoridade dos antigos de impossibilidade de habitar as regiões mais equinociais do globo ou “zona tórrida”.

<sup>32</sup> Seguindo o estilo ou o dizer dos “médicos árabes”, mas conforme a “doutrina de Galeno” são de “*complexión caliente y húmeda*”.

<sup>33</sup> Comenta que o “nacido en las indias”, não o das “grandes y famosas ciudades de las indias”, mas aquele de uma “pobre y bárbara aldea de indios, sólo en compañía de cuatro labradores” vai ter um “hablar tan pulido, cortesano y curioso” que é de se admirar. Sem igual em relação ao espanhol no campo, sempre deveras “bronco y torpe”. Inclusive compara para menos a mulher vinda de fora com as “damas de las indias”. Enfim, todos daqui são melhores em seus razoamentos e nas maneiras de se expressar “a los que de España venimos” e talvez até superem o “cortesano criado dentro de Madrid o Toledo” (p. 250-251).

Mas e quanto aos que são exatamente os naturais da terra? O índio “*de su propia naturaleza es flemático en la propia sustância y compustura de sus miembros*”.<sup>34</sup> Já o crioulo pode abundar em “*accidental y excrementicia flema*” devido à mesma umidade da terra (p. 257). Observe-se o contraditório de um idêntico mundo exterior e bem distinta natureza dos corpos dos principais ou ideais estamentos da América. Na criativa lógica do escritor se sedimenta o aspecto “quente” para os criollos e o “úmido” para os índios. Até ali, no discurso escrito, houve escassas opiniões, às vezes dúbias ou imprecisas a respeito da qualidade do clima, da influência astral sobre o clima, da relação desses aspectos na natureza dos homens da América ou na América. De fato, a formulação de Cárdenas é um resultado dessa história.

Já a partir do início do século XVII, pode-se auscultar uma “astrologia patriótica” (CAÑIZARES-ESGUERRA, 2006) que se contrapõe aos detratores dos criollos como se eles estivessem presos a um nefasto firmamento sobre as Índias Ocidentais. Antes desse contexto, Cárdenas considerava quão “*feliz y copioso*” era o “*influjo de los astros y signos del cielo*” para ter criado a abundância e excelência dos minerais, acreditando como outros autores que “*el paraíso terrenal está dentro de la tórrida zona*” (p. 80). Mantém, assim, aquelas impressões mais admiradoras da verdejante América, ao passo que absorve também noções opostas, que estigmatizavam sentidos da qualidade do continente, basicamente pelo raciocínio de que este mundo havia engendrado os índios, tão “bárbara” gente. Há como notá-lo bem próximo do protomédico Francisco Hernández no discurso de uma prodigiosa terra mexicana, mas que era ruim para os naturais, relacionando a causa ambiental da umidade para a debilidade dos alimentos e enfermidade nos corpos.<sup>35</sup>

Pese a efusão especulativa da doutrina hispano-americana dos temperamentos que parece ter em Cárdenas a primeira síntese formal, é importante identificar uma

---

<sup>34</sup> Teriam os indígenas aquela natureza ou estado frio e úmido que, desde os tempos medievais tardios, estava carregado de sentidos negativos, como acontecia também com o ser melancólico, igualmente frio, mas seco (KLIBANSKY, 1989).

<sup>35</sup> Cañizares-Esguerra veio acentuar uma visão negativa do homem de Felipe II sobre o mundo astral da América, mas no capítulo das *Antigüidades de la Nueva España* em torno ao clima da cidade do México, Hernández afirma que “El cielo es salubre en gran parte, pero debido a la humedad lacustre (...) a veces predomina la podredumbre”. O que reflete nas enfermidades mortais, o que redundava em “alimentos (...) más húmedos y copiosos que agradables al gusto”, ainda que gerados em “suelo ubérrimo y fertilísimo” (HERNÁNDEZ, 1986, p. 106-7). Em seguida, o historiador natural da corte espanhola realçará o tema do índio de constituição fleumática, indicando a predominância do humor de qualidade úmida. É a mesma posição assumida por Cárdenas.

preocupação prática, médica, a respeito dos males “frios” relacionados à umidade.<sup>36</sup>

Entre as instruções dietéticas de *Problemas y secretos de las Indias* está o cuidado para não ficar no sereno abundante, o qual é mais daninho que na Espanha (p. 129-130). Mas também observa que a grande força tropical é uma generalização. Há lugares amenos em vales e montanhas do Peru e também na Nova Espanha, o que deve ser aproveitado (p. 105).

Quanto aos mantimentos, desde o início da colonização havia a crença e o temor de efeitos enfermicos de comidas e bebidas estranhas numa dieta muito pobre para o colonizador (FERRIÈRES, 2002). De outro lado, pela necessidade de adaptação ao meio e sendo o criollo descrito como imitador das práticas locais, vai ocorrer a identificação com os naturais ao menos em termos de habituação alimentar. Por extensão, gente bem parecida ao índio no corpo e no caráter (EARLE, 2012). Contudo, o emblema da compleição distinta afasta o criollo da rápida associação com o índio.<sup>37</sup>

Para tratar da psicofisiologia dos criollos, Cárdenas havia trazido a autoridade de Galeno “*en aquel libro intitulado Quod mores animi, etcétera*”. Praticamente afirma que as faculdades da alma seguem o temperamento do corpo, trazendo reflexão capciosa para o dogma do livre-arbítrio.<sup>38</sup> Mas a perspectiva de excepcional poder dos humores e compleições sobre os comportamentos e capacidades humanas era insinuante para vários autores da Renascença e também no bastião do mundo católico, embora aí estivessem à beira da heresia.<sup>39</sup>

Cárdenas era avisado, mantém-se ortodoxo ao propor que a “virtude” podia

---

<sup>36</sup> É bom salientar que as enfermidades imputadas por forças divinas no contágio da “umidade” são relevantes no pensamento etiológico indígena do centro do México (ORTIZ DE MONTELLANO, 1990). Na tradição hipocrática mexicana, tratados como *Sobre os ares, águas e lugares* e *Dos alimentos* eram de cabeceira para que doutos e práticos da medicina reconhecessem causas climáticas e alimentares para as enfermidades endêmicas e inclusive para identificar os tipos humanos. Em 1570, publicou-se a *Opera medicinalia* de Francisco Bravo, que já dedicava um capítulo sobre a influência do clima tropical para a manifestação das epidemias (VIVEROS MALDONADO, 2007, p.74-75). Saiu da mesma prensa que lançou a obra de Cárdenas cerca de vinte anos depois.

<sup>37</sup> O trabalho de Earle (2012) não dá centralidade ao citar o tratado de Cárdenas quanto ao problema da situação alimentar comum a todos (p. 28). Mas se pode notar que ele é dos pioneiros e principais ao explorar as compleições diferentes de criollos e índios sendo gente que vive numa só região, com os mesmos ares e a mesma comida.

<sup>38</sup> Enfatiza que “es justo (como digo) saber qué complexión y qué humor es el que más reina en la gente de esta tierra; porque de necesidad han de ser las obras actos y costumbres, según la cualidad y naturaleza de tal humor y complexión” (p. 252). Ver a edição recomendada nas referências bibliográficas com estudo introdutório sobre o pequeno texto tão difícil para os cânones católicos (Galeno, 1995).

<sup>39</sup> Sintomático os cortes operados pelo Santo Ofício na segunda edição do *Examen de ingenios para las ciencias* de Juan Huarte (1989) no final do século XVI. Na primeira versão, o afamado livro sugeria a determinação da composição corpórea para as operações da alma. Não se sabe, mas pode ser que Cárdenas tenha tido notícia dessa obra.

prevalecer sobre a condição corpórea, que, aliás, informava para além do bom engenho, a inconstância dos criollos para perseverar nas tarefas da vida.<sup>40</sup>

A mesma postura de respeito à Igreja terá o bávaro Henrico Martínez, cosmógrafo e oficial da Inquisição que no início do século XVII esteve ocupado com o projeto de engenharia do deságue da laguna que inundava a capital da Nova Espanha. Ele também se ocuparia por apontar influências astrais e algo da procedência ibérica para definição do corpo criollo.<sup>41</sup>

É importante frisar os limites ou, talvez ainda mais, as amplas possibilidades das asserções que com alguma precaução podem ser vistas como racialistas. A compleição ou o temperamento humoral do corpo, no contexto em voga, é uma noção que diz respeito à influência do macrocosmo, mas também é o espaço para considerar a origem ou progênie. Porém, não se deve esquecer o lugar da consciência, a intenção da alma dos sujeitos por obter a melhor situação corpórea dentro de uma natureza algo fluida, que em parte nada mais é que o fruto das práticas e dos hábitos que podem ser modificados e alterar a disposição da alma.

Juan de Cárdenas é por excelência veículo e agente dessas tensões do pensamento sobre a natureza dos corpos na colonização do Novo Mundo. Logo no primeiro capítulo do “*libro tercero*” sobre as qualidades e propriedades do homem nesta terra, remete a uma questão que parecia ventilar entre os imigrantes ou chapetones e que talvez incomodasse aos criollos: “*En que se declara, si los hombres que nacen y se crían en las indias, son de vida más corta y breve que los de otras provincias*” (p. 245). Se no capítulo seguinte avalia a mente criolla por respeito a uma compleição híbrida sanguínea e colérica, já para resolver a questão acima, o sujeito

---

<sup>40</sup> Ao examinar o engenho dos criollos, Cárdenas vai acusar que “en esta tierra sobra en los hombres la viveza y falta la constancia y perseverancia en lo que se ponen a hacer”. A explicação é do âmbito físico: porque lhes falta o humor da melancolia. Aí o médico concede para a perspectiva moral: “pero como virtudes (según dicen) venzan señales”, conclui-se que “les compete la viveza y delicadeza de ingenio por naturaleza y la constancia por propia virtud, repugnando a la complexión y composición que por parte de los cuatro humores les compete, y esto les es más de agradecer. Y la razón última con que se concluye el capítulo” (p. 255).

<sup>41</sup> No *Reportorio de los tiempos* publicado no México em 1606, Martínez (1991, p. 305) vai deixar bem claro os limites da doutrina dos temperamentos: “(según Galeno) la natural condicion e inclinación del hombre, de la mescla y proporcion de los quatro humores (...) haze mucho al caso para la variación de las costumbres y afectos del alma”, contudo “no de necesidad: por que el anima rige y gobierna el cuerpo”. Mas num capítulo muito antes dessa observação, havia definido as compleições de índios e criollos. Faz menção clara a um dos “Problemas” de Aristóteles, sem qualquer alusão àqueles de Cárdenas, embora talvez em contato com a pessoa ou o velho texto do doutor catedrático, produzido quando ele era um jovem bacharel. De seu turno, Martínez é bem dedicado às razões astrológicas e aposta que o criollo é colérico pela influência de Marte no povo da Espanha, com algo do sanguíneo, invertendo a ordem concebida por Cárdenas, mas observando o mesmo valor da melhor influência da nova terra pelo signo “quente”. Por sua vez, o índio é fleumático obtendo a forte influência de Vênus para a umidade americana. Em segundo plano o índio seria sanguíneo como no caso do corpo criollo (p. 281-282).

criollo é apenas sanguíneo. Vítima da “*destemplanza de la indiana región*”, que extremamente quente e úmida faz diminuir o calor natural do estômago e outros órgãos. Ademais, a umidade “*hincha los cuerpos de excrementos (...) ahogando el calor natural y acortando la vida*” (p. 248). O argumento se fecha com mais supostos sobre a natureza americana, mas também, na atenção sobre os comportamentos incorretos: “*La poca virtud y sustancia de los mantenimientos de esta tierra, hacen asimismo abreviar la vida*”, pois se come uma variedade de coisas em grande quantidade, e devido à falta de substância dos alimentos o corpo fica “*más sin fuerza y vigor que de antes*”. “*La ociosidad asimismo, con que los hombres viven de ordinario y el mucho vicio con que se crían en todo*”, considerando aquela “*copia de manjares*” e os “*excesos demasiados con mujeres*”, são atitudes que igualmente fazem dissipar o calor interno do corpo e diminuir a expectativa de vida.<sup>42</sup>

Em outras passagens, para explicar fenômenos como a grande queda de cabelo do criollo, Cárdenas reforça os problemas de atitude e costume, especialmente nos itens da alimentação de coisas enfermizas em grande quantidade, a não constrição sexual e a ociosidade. Já no capítulo sobre as causas de tantos males estomacais, intestinais, renais e uterinos, o médico aprofunda a crítica sobre o modo de vida de todos do estamento espanhol na América. Os males de estômago atingem aos de qualquer idade, de ambos os sexos, os criollos e os novos colonos (p. 282). As explicações longuíssimas se entretecem em meandros da fisiologia humoral, mas o discurso também traz opiniões morigerantes ou propostas de mudança comportamental até para quem tem status de impecável na situação de pouco exercício físico e muito ócio.<sup>43</sup> De outro lado, ao destacar os pecadores, transparece a misoginia e ideal cavalheiresco e patriarcal. Se há problemas estomacais também pelo “*vicio demasiado que suelen tener los hombres en actos venéreos*”, as opilações do fluxo menstrual das mulheres será devido ao “*endemoniado vicio que tienen de*

---

<sup>42</sup> Por fim, há o problema de que “*todos los cuerpos en las indias*”, ou seja, igualando-se índios fleumáticos e criollos sanguíneos, devido à umidade da terra têm seus membros em composição “*laxa, floja, blanda y mal compacta y mal unida en sí, de la cual con mucha facilidad se exhala el natural calor*” (p. 249), remetendo àquela perspectiva de franca assimilação dos criollos aos índios.

<sup>43</sup> O que faz adoecer também aos que se dedicam ao “*estudio y oración*”. Cita o caso daquele clérigo que endossou o tratado destacando que instruíra sobre os problemas de saúde na região: “*sapientísimo maestro fray Agustín de Avila, de la orden de Santo Domingo, hombre de gran erudición, virtud y letras, el cual siendo catedrático de Teología en la ciudad de los Angeles, de solo el estudio padeció una terrible enfermedad de perlesía, engendrada y causada (según los médicos afirmaron) de aquellas crudezas y flemas que la falta de calor por el mucho estudio fue parte a criarlo en el estómago, no obstante que es bien mozo*” (p. 285).

*comer tierra y cacao*” (p. 284, 286).<sup>44</sup>

Se há muito pecado nos corpos espanhóis, também há e talvez muito mais nos corpos índios, negros, mestiços. Vão reduzidas a erros dietéticos uma epidêmica cegueira e outras enfermidades nos olhos dos índios. O médico destaca um provérbio latino medieval cooptado para tratar da condição de vida dos naturais, traduzindo-o assim: *“los ajos, el vino, los demasiados actos venéreos, el polvo, el viento, las havas y el humo y sobre todo el velar demasiado”*.<sup>45</sup>

É marcante a avaliação que faz sobre a causa do *“mal de bubas”*, como era denominada a sífilis entre os médicos hispânicos. E na polêmica sobre a origem do mal que atacava a Europa, não titubeia em afirmar que adveio do *“propio temple y constelación”* da América, embora jogue com o recurso da *“virtud oculta”* (ao entendimento pela medicina humoral) que representa qualquer *“pestilencia”* contagiosa. Mas enfim, acusa que se espalha excepcionalmente entre os *“negros, indios, mulatos y gente que tiene mezcla de la tierra* [isto é os mestiços]”. Isto porque a enfermidade começa pelas partes *“más sucias e inmundas”* do corpo e *“por via de torpes, sucios e inmundos actos”*. Se todos os homens suam muito neste clima quente e úmido, é mais específica população que exala *“un insufrible hedor, mayormente el negro y el indio, que de su propia naturaleza son cuerpos sucios”*. Em resumo, as exalações do ato sexual com a falta de asseio em corpos naturalmente sujos provocariam as chagas sifilíticas.<sup>46</sup>

As *“bubas”* pedem a sujeira para sua conservação.<sup>47</sup> E *“advierta el lector”* que

---

<sup>44</sup> Não é a única passagem de severa crítica às “damas” criollas. Destaque-se esta abaixo, ao tratar do porquê de tantas dores menstruais e obstruções nas “mujeres y señoras de las indias, mayormente las de la Nueva España”, que é devido a “este vicio de comer tierra, barro, cacao y semejantes inmundicias (...) que muchas lo hacen de puro vicio, pretendiendo solamente con esto, traer quebrado el color (que llaman color de damas)” (p. 290).

<sup>45</sup> A bebida e o alho enviam “gruessos y espessos humos y vapores” do estômago ao cérebro que deprimirão a vista. Os “actos demasiados de luxuria” consomem os “espíritos visivos”, matérias sutis que perpassariam os corpos e, nesse caso, responsáveis pela função da vista, etc. Sem contar os males da fumaça devido à fogueira das pequenas cozinhas nas choupanas e o abuso do tabaco, sendo que o destaque vai ainda para a embriaguez contumaz nos índios (p. 294-297). Não é o caso de acatar os diagnósticos de Cárdenas sobre causas e efeitos das enfermidades nos corpos da Nova Espanha. Por outro lado, há representações que inferem sentidos importantes para a história da alimentação, da habitação e do cotidiano do campo e da cidade na Nova Espanha. Seria interessante relacionar com a historiografia sobre a sociedade colonial. Contudo, não vem ao caso tratar de temas considerando a literatura que há e alguma pesquisa documental do autor do artigo sobre questões como a farta alimentação de carnes e doces entre os criollos e até entre os índios, a expansão da embriaguez indígena ou o apreço pelo alho importado da Espanha.

<sup>46</sup> Aqui se revela a certa indefinição entre “qualidade” e “acidente” no discurso aristotélico para obter a natureza humana. Não é de se estranhar essa construção dos corpos de índios e negros entre essencial e circunstancialmente atacados pela conotativa sujeira, provocada pela umidade climática, pela compleição e enfim como efeito natural e moral dos atos sexuais.

<sup>47</sup> O médico realça da chaga: “quando sale es como el demonio, que da señal y dexa lesión en la parte por donde sale”.

as mulheres índias, “*por vivir con suciedad y descuido grande en su limpieza*” são muito suscetíveis ao mal (p. 264-271). Subentenda-se clara instrução de que a sífilis pode atacar aqueles criollos viciosos no sentido de promíscuos no sexo.

Ramírez Ruiz (2000, p. 19) aponta que se “Sahagún associou as constelações e o clima das Índias Novas com os males da alma, Cárdenas as relacionou com a sujeira, a enfermidade e a corrupção acelerada do corpo”. Mas não apenas isso é que nota o investigador. Ao citar o cosmógrafo Henrico Martínez em seu emprego de Aristóteles (p. 43-44), realça a recorrente ideia entre os doutos na Nova Espanha de uma “segunda natureza” do ser humano. Uma forma de inclinação da alma para o bem ou para o mal que não se dá pelo lugar de nascença, mas sim, pelos usos e costumes, lembrando como Cárdenas enxergava tantos erros de hábito entre os espanhóis que viviam nas Índias.

#### A BARBÁRIE NO REGIME DE VIDA

Nos primeiros debates e elucubrações sobre o indígena tem grande peso uma espécie de “teoria do ambiente” (em termos psicossociais) onde uma série de “interpretações contraditórias seriam possíveis com base no mesmo conjunto de evidências” (PAGDEN, 1982, p. 13). É possível extrapolar que as representações da sociedade novo-hispânica em formação são o palco para variadas, às vezes incompatíveis ou ambíguas avaliações da filosofia natural de um autor peculiar, mas de seu tempo e lugar.

Neste item vale apontar em Cárdenas primeiro a construção de oposição pelo sentido de “barbárie” do Novo Mundo. Com a noção usualmente vem a ideia de desordem e inferioridade em todas as esferas da vida em sociedade. Se aos índios faltava a verdadeira religião, na expressão de José de Acosta (1962, p. 216), “*les falta también la filosofía y doctrina natural*” dos antigos.

As diversas culturas da região árida ao norte da capital novo-hispânica foram trazidas por Cárdenas no uníssono de “*gente bárbara, salvaje, jamás sujeta ni domada por otra nación alguna*” (p. 274). Dá relevo à dieta onívora de extremos inumanos.<sup>48</sup> Estariam praticamente no estado de natureza no valor negativo do

---

<sup>48</sup> “desde el menor hasta el mayor animal y sabandija, a ninguno perdona, mostrándose enemiga cruel y carnicera a todo, son sus vientres sepultura de carne humana”, e na falta da iguaria comem também a carne crua de qualquer outro animal sem distinção. Que seja “víbora, culebra, sapo o lagarto”. E se nem isso tiverem à disposição, “usan comer raíces y algunas frutas salvajes”, como a “tuna” do cacto nopal (p. 274-5).

*simpliciter* ou do homem selvagem.<sup>49</sup> Contudo, aspectos da alimentação e até o nomadismo dos chichimecas tiveram importância para as instruções de dieta aos criollos, como se descreve adiante. Já quanto aos índios mais próximos ou que viviam na Cidade do México, havia outros referenciais de representação e busca da diferença. Na verdade, nem havia ênfase em erros dos naturais quanto a seus usos ou hábitos alimentares e medicinais ancestrais, ao menos quando vistos como práticas seculares. Notava que era propício o consumir gêneros de comida e bebida de acordo com as necessidades de temperança dos corpos na sintonia com a natureza úmida da terra. É assim que vai destacar a presteza dos chiles ou “*pimientos de Indias*” vistos como drogas quentes pelo menos em terceiro grau na escala até quatro de força na reação do corpo. O tabaco também se relaciona com o “problema” americano da fleuma. Conhecido como “erva santa” há tempo pelos colonizadores, é elogiado mais que qualquer outro produto das Índias em termos de benesses medicinais.<sup>50</sup> Destaque-se a propriedade de purgar as excrescências dos corpos espanhóis que são “acidentalmente” fleumáticos na América. E praticamente alude à iluminação divina no mundo dos índios para o surgimento da arte de fumar.<sup>51</sup>

Ainda que tão salutares, o tabaco e o chile eram (abusando-se aqui da linguagem galênica) “quentes em quarto grau” de idolatria. Estavam plenos de motivo idolátrico no sentido que adquire a noção no ensinamento de Tomás de Aquino: culto politeísta, adivinhação diabólica, bem como vã observância, tanto de maus intencionados como dos seguidores ignorantes (CAMPAGNE, 2002). O médico escolástico tinha como rival ou antagonista o “*hechicero*”, isto é, o curandeiro indígena, tema acintoso no último capítulo do tratado sobre os usos indígenas tanto do tabaco como de outras plantas hoje conhecidas como alucinógenas. Os médicos índios contavam com clientes de várias extrações sociais.<sup>52</sup>

---

<sup>49</sup> Um “homem natural” sem o uso da razão. Ideia que o defensor dos índios Las Casas não havia admitido nas especulações sobre o caráter e situação da gente mais simplória da América, que usaria plenamente sua mente, mesmo sem ter-se aprimorado na vida “política” como os mexicanos e peruanos (PAGDEN, 1982, p. 136). Cárdenas parece fazer coro das visões medievais de um homem dissoluto e animalesco que se queria encontrar nos bosques e ermos (BARTRA, 2011).

<sup>50</sup> “Querer ahora contar las virtudes y grandezas de esta sancta hierba, las enfermedades que con ella se curan y han curado, los males de que a millones de hombres preserva, será proceder en infinito” (p. 235).

<sup>51</sup> O médico observa muitos usos, dedica-se ao “más extraño modo de medicina que en toda el arte médica jamás se imagina, y éste, sólo he visto usar a los naturales de esta tierra, de quien los negros y muchos españoles y aun las mugeres lo han aprendido”: todos “chupan el humo” (p. 237). A origem do fumo é posto em questão: “algún ángel lo aconsejó a los indios o algún demonio”. Se é hediondo o baforar como “boca de infierno”, adverte que pelos efeitos medicinais e sabendo usá-lo o fumo é “remedio del cielo” (p. 238).

<sup>52</sup> Como realça Norton (2008), os médicos e religiosos hispano-americanos, entre os quais Monardes, Acosta e Cárdenas, promovem verdadeira “sanificação” do tabaco ao ser expurgado das idolatrias. No

Também os chiles são trazidos para as averiguações. O saber ou significado culinário e medicinal indígena e provavelmente popular sobre esses condimentos são julgados.<sup>53</sup> Novamente o médico se opõe àqueles que de alguma forma remetem ao universo da “superstição” entre erro intencional e irracionalidade. Mas estas curandeiras estão menos no campo diabólico do uso dos alucinógenos e mais naquele das crenças e práticas vãs ou descabidas. Uma e outra coisa aproximam os índios dos negros e do que vez ou outra o autor denomina como o “vulgo”. Que é o populacho, os pobres genericamente, senão o mesmo criollo rico, mas tão ignorante que a plebe. Em certo sentido, o vulgo é aquele que acredita em qualquer coisa por não ter sido educado na filosofia natural. O povo achava do chile o que as índias vendedoras diziam nos “*tiangués*”, os mercados que todos frequentavam.<sup>54</sup>

Cárdenas declara que vai tocar o delicado problema da quebra do jejum pelas bebidas de cacau. Assunto que “*pertenece más a theólogos que a médicos*”, mas se arrisca na polêmica para “*refutar y desterrar del vulgo una ignorancia y yerro terrible*”: de que simplesmente porque líquidas, essas e outras bebidas de origem indígena não dariam sustância, e, portanto, pelo mesmo motivo que a água pura, pudessem estar isentas do interdito de consumo pela lei eclesiástica (p. 189-190).

A representação da barbárie e da gente baixa estabelece fronteiras e até o oposto do que é correto e perfeito no âmbito das práticas e hábitos salutareis. Contudo, alguns motivos da natureza e da herança indígena podem ter abertura para se tornar ensinamentos e para questionar o mundo dos criollos. Particularmente no assunto da ociosidade versus os exercícios físicos e da alimentação exagerada versus a refeição comedida.

O médico procura elucidar porque os índios não padecem de “*reumas*” e de “*ijada*” (a pedra nos rins), males de “*orina y estómago*”. A razão principal não está na

---

mesmo sentido, justificou-se o uso lícito de plantas que provocariam visões, ou segundo Cárdenas, entre os sonhos, traziam os pesadelos (p. 320). Mas de toda forma trariam benefícios ao corpo se usados de forma correta para enfrentar as enfermidades do corpo humoral (VARELLA, 2013).

<sup>53</sup> Isto porque certos valores, ao médico lhe ferem a percepção – no postulado exato de que o sensível é dos principais critérios da ciência galênica para auferir a qualidade e as propriedades (a natureza e os efeitos) das substâncias (ALBALA, 2002). Assim, pelo sabor, cheiro e em particular o mordicante na boca, o chile tem de ser “*calidísimo y no menos que en tercero grado*”. E exclama o autor que se tivesse que trazer com “*razones y autoridades de graves doctores*” essa avaliação, “*podiera muy bien henchir de ellas todo el capítulo, pero quien sin autoridades no lo creyere, refriéguese muy bien la boca con un par de chiles y verá si le enfrían; así que cuando dicen algunas maestras de estas grandes ensalmaderas o lapidarias, que el chile es fresco, y otras vezes que es húmido, en lugar de darles crédito, nos reiremos de su locura, pues en lo que dicen no atan ni desatan*” (p. 195).

<sup>54</sup> Talvez mais do que combater as curandeiras, Cárdenas quer enfrentar a credence sem instrução, ao lidar com a questão das qualidades da medicina do chile “*que comúnmente en el vulgo se suelen muy de veras preguntar, y aun acerca de ellas decir mil disparates*” (p. 195).

diferença de compleição com os criollos, mas sim, quanto a fatores não-naturais: “*el indio vive con grandísima dieta, y eso que come es chile y tortillas de maíz*”, assim como “*exercítanse mucho*”, o que impede a acumulação de maus humores e excrementos. Já o espanhol da América é bem o contrário: “*ultra de comer sin comparación más viandas que el indio, usa de menos ejercicio*”. Se o índio guisa a comida com “*chile y sal*”, os criollos nem tomaram o costume peninsular de temperar (o que incluir fritar) com azeite, pois o substituíram pela “*manteca de porco (...) extremo flemosa*”, causando também enfermidades frias e excessos pútridos (p. 293).

E se aqueles selvagens chichimecas comem de tudo o que é ruim e tudo cru, se falta água no deserto e dormem mal, se não têm higiene corporal e andam com a pele pintada, por outro lado, vivem muito bem na sua terra. Embora não quando capturados. Logo padecem devido a que não tinham (ainda) o costume de comer os alimentos superiores do mundo espanhol. Outro motivo de sua rápida caída na saúde é que já não faziam tantos exercícios na cidade (p. 274-278).

Entrementes, mesmo da alimentação do selvagem há o que extrair de útil. A fruta cactácea da tuna que bruta sem cultivo é apropriada pela retórica de Cárdenas tal como a cultura do milho ou do cacau enquanto excepcionais medicinas de uma grande região que em geral tem maus alimentos.<sup>55</sup> Contudo, algum cuidado se deve ter com essa fruta, que a vê adstringente devido às pequenas sementes e por isso viria apertar o intestino. Mas o chichimeca “*como es bárbaro la come con cáscara*”, o que evita o efeito na barriga. O dieteta recomenda que o criollo coma a tuna com outros alimentos, embora pondere o quanto isso é difícil na amplitude nortenha, aonde se costumou comer muita tuna e quase que só tuna, tal como fariam os chichimecas. No entanto, o médico não receita o hábito de deglutir com casca e tudo. Há limites do que aprender com os selvagens (p. 202), apesar do bom entendimento de que os criollos tinham hábitos bem parecidos aos deles.

#### A CONCLUSÃO DE CÁRDENAS: REGRAS DE DIETA PARA O SUJEITO IDEAL

O galeno moderno nunca perde de vista o sentido fundamental dos tratados hipocráticos e do Galeno histórico sobre os efeitos de nutrição e de medicina pelos alimentos, privilegiando o olhar clínico que vai arbitrar as receitas para cada

---

<sup>55</sup> “Si alguna fruta de las indias, con muy justo título mereció renombre de dulce, sabrosa, sana y regalada”, tal espécie é a tuna. Que diferente de outras frutas “frias e úmidas” americanas, não traz enfermidade, por razões de características das partes e seus efeitos, a luz dos ensinamentos do Galeno de *Alimentarum facultatibus* (p. 198-202).

indivíduo em particular (TRATADOS HIPOCRÁTICOS, 1997; GALEN, 2003). No caso em voga se estabelece os parâmetros de profilaxia e intervenção nas práticas de cozinha e consumo para os diferentes sujeitos espanhóis, quer sejam nascidos e criados ou há pouco na América. São muitas recomendações de comida e bebida. Algumas receitas já foram apontadas. Mas para tratar dessa construção do sujeito ideal de uma grande “nação” espanhola, nada melhor que observar o projeto de uso salutar da bebida do cacau: *“tan importante y necesaria para la salud del hombre en las indias, que si sabe usar cómodamente es mantenimiento admirable de bueno”*, e assim devem tê-lo em grande apreço *“todos los que habitan en este nuevo mundo de las indias...”*

*“... no obstante que médicos de España”* sem conhecer direito o chocolate, *“de todo punto lo reprueban”* (p. 179-180). Mas a lição de Cárdenas seria logo aprendida pelas autoridades médicas do lado de lá. Não havia como arrestar o consumo cada vez maior no meio aristocrático e religioso, considerando-se que nem mesmo a advertência da quebra do jejum pudesse cessar o apego à bebida por muitos sacerdotes e devotos inclusive durante a missa (LOZOYA, 1980, p. 39-42; NORTON, 2008). Tanto que o compromisso de uso medicinal bem justificado foi arma sutil utilizada por Cárdenas, de certa forma uma escusa para o consumo de algo prazeroso no jejum.<sup>56</sup> Este e outro autor espanhol do México, Juan de Barrios, serão por esses raciocínios bem reconhecidos em Madri.<sup>57</sup>

As lições das Índias para a Espanha sobre o bom uso do chocolate terão como base o princípio de aplicação de substâncias semelhantes e contrárias, forças de confirmação ou de reação à constituição ou estado do corpo humano. O instrutor de dieta recupera um aforismo hipocrático: *“no todo en todo, sino cada cosa para lo que es”*.<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> Ao aceitar o uso medicinal nos dias santos e quaresma, adverte que deva haver moderação: *“ahí entra la piedad de Nuestra Santa Madre Iglesia, permitiendo que en los tales días no por vía de mantenimiento, sino a modo de medicina, y esto no es mucha cantidad, sino en muy poca se puede usar de alguna de estas bebidas, así como es permitido a los tales [enfermos de frio] un trago de vino, por natural flaqueza e indisposición”* (p. 194).

<sup>57</sup> O influente cronista e poderoso oficial de minas no Peru, que transitou entre América e Espanha, compilador das leis dos vice-reinos no Consejo de Indias, o licenciado Antonio de León Pinelo produziu o tratado *Question moral si el chocolate quebranta el ayuno eclesiastico*, que em 1636 foi publicado em Madri, o qual no final transcreve um opúsculo hoje perdido do médico Juan de Barrios (que pôde ter influenciado Cárdenas), bem como traz os dois capítulos de Cárdenas que *“trata[n] bien la materia”* da bebida e outro capítulo mais sobre *“la question de ayuno, que se ha disputado”* (LEÓN PINELO, 1994, p. 105).

<sup>58</sup> Que seria dizer *“no queremos aplicar una sola cosa a todos sujetos, a todas complexiones y a todas enfermedades, sino que apliqueis cada cosa para lo que es: cosas frias guardádlas para corregir el exceso del*

Assim vai pensando em categorias de gente do estamento espanhol para as recomendações de uma bebida que tinha diversas combinações onde preponderavam uma ou outra especiaria da terra de ocidente ou de oriente. Elogia os efeitos medicinais de várias flores e outras substâncias nativas, embora não descarte o uso daquelas que vinham de fora.<sup>59</sup> As especiarias locais são privilegiadas, pois teriam sido feitas justamente para a bebida de cacau. Em geral são moderadas, não tão quentes como as drogas orientais. Talvez a melhor flor asteca fosse o “*tlixóchil*” (baunilha) pela fragrância que exala. Por outro lado, mais cuidado o indivíduo haveria de ter com os chiles na poção. Melhor se estivessem tostados e é bom o cacau no atole, tão elogiada bebida indígena do milho por ser temperada. Dependendo da condição do corpo, podiam-se acrescentar pitadas dos estrangeiros açúcar e anis (p. 180-187).

Se Cárdenas queria que suas palavras reverberassem na Europa, a receita que indicava era para o indivíduo na América. Sua disputa não foi exatamente com as autoridades médicas da Espanha, mas sim, contra o que chamava de “vulgo”, ou seja, quis enfrentar os saberes populares da interação entre indígenas e forâneos. Segundo Cárdenas, “*oigo decir a cada uno su parecer*”, que o chocolate engorda ou emagrece, que faz parir ou tornar a mulher estéril, entre outras disparidades. Então, assevera que “*sólo pues nos sacará de esta confusión el divino Hipócrates*” – aquele do aforismo citado acima, que foi lido pelo médico universitário com os comentários de Galeno. Em seguida à advertência, resume algumas condições de idade, temperamento e compleição que devem ser observados para evitar o desequilíbrio, a queda da saúde ou a piora nas enfermidades.<sup>60</sup> O mais importante, considerando as regras na grade de “frio” e “quente”, é que “*así ni creáis al que dice mal del chocolate, ni al que dice bien, sino al que sabe usar de él*”. Há horários apropriados, há recomendação para uso moderado aos enfermos, que receitas para engordar, para

---

calor, las calientes para el exceso de frío, y las templadas para conservar lo que de suyo es templado, y de esta suerte no hallaréis cosa en el mundo que no tenga su virtud y sea de mucho provecho” (p. 186).

<sup>59</sup> Talvez pensasse na canela, no cardamomo, na pimenta negra, vai citar uma ou outra coisa e compara os efeitos com substâncias locais, mas de fato não trata de nenhuma das “*especies*” da Ásia, em particular. Argumenta que já se escreveu o suficiente sobre suas propriedades no Dioscórides comentado pelo doutor Laguna (p. 180).

<sup>60</sup> “Si el chocolate lo hacéis con mucha especia caliente y lo dais a un mozo o moza atestada de sangre, o a una persona que de suyo se abrasa de calor, y más si tiene mucha demasía de cólera y se ejercita mucho ¿qué pensais qué le dais a beber sino un disimulado tabardete [a febre]? pero dadlo a un hombre o mujer viejo, a un frío de estómago, a uno que no pueda digerir y esté lleno de mil flemas y ventosidades, a este tal acarreasle con dulce salud” (p. 186).

aliviar o forte calor após os exercícios, etc. (p. 186-188).<sup>61</sup>

Em suma, vários médicos nesse contexto ou no século XVII – inclusive religiosos como o jesuíta Bernabé Cobo – muito ocuparam o discurso de seus tratados de matéria médica e de história natural na apresentação de receitas de alimentos medicinais e de drogas para ingerir os alimentos. O intuito era melhorar a saúde considerando as importantes regras da temperança e da moderação. O que significa uma forma de subjetivação pela política na qual os indivíduos, isto é, uma parte da população fosse induzida a buscar o controle salutar dos prazeres e dos efeitos da digestão (VARELLA, 2014, p. 40).<sup>62</sup>

Apesar de toda a margem de liberdade que Cárdenas oferece para o sujeito de sua dietética, bastando a conscientização de certo controle pelo uso medicinal para usufruir a famosa bebida do chocolate, aí também segue forte o sentido de buscar a exclusão de práticas bem comuns. Um discurso de distinção social mesmo que não pudesse de fato gerar tanta separação de modos de vida dos grupos sociais como se preconiza. Mas várias práticas não se encaixam nas expectativas dos critérios físicos do galenismo treinado para o diagnóstico de encontrar o erro nos outros. A barbárie do índio, a qualidade da gente baixa ou sem estudos do mundo criollo e dos imigrantes, a conotação de “dama” criolla, tudo isso fere as razões da filosofia natural do médico Juan de Cárdenas da escola mexicana de medicina do século XVI. A sua posição de autoridade tem fundamento na construção de “outros”.

Por isso a “*costumbre antigua*” de bater a água com cacau se em parte é saudável – “*Yo confeso ser muy sano*” – em parte não é, porque se come a espuma gordurosa, porque os índios sempre comeram isso e lhe aparece como fleuma enfermiça. Dentre as novas formas de produzir o chocolate, bem saudável é quando se fazem “*tabletas*” da massa do cacau para conservar por muito tempo. Ao querer usá-las é só mergulhar na água bem quente ou no atole. Os tabletes tiveram “*origen*

---

<sup>61</sup> Como exemplo: “toda persona, que se sintiere en sí fria de complexión o falta de calor en el estómago o fuere sujeta a males de frío, como es asma, perlesía, hidropesía, cólica, ijada, sobra de flemas y ventosidades, todos estos con mucha seguridad la usen, y para los tales es mejor deshecho con azúcar en agua muy caliente, y puedan los tales añadir con seguridad, las especias calientes en más cantidad de la ordinaria, pero bueno es en esto, pecar por carta de menos” (p. 187). Nessa conclusão há uma advertência de aplicar a moderação, em sentido de uso medicinal da gostosa bebida.

<sup>62</sup> É útil resgatar Michel Foucault (1984, p. 29-30, 106) no ponto em que observa a tradição estoíca e da dietética grega ao tratar não apenas dos *aphrodisia* (prazeres sexuais), como também do regime alimentar. Observa a temperança como o governo e não a renúncia dos prazeres no que chama “cuidado de si”. A cristandade, como enfatiza o autor, assumiria o mecanismo mais livre de subjetivação dos antigos. Cobre importância os procedimentos, as técnicas para o sujeito se conhecer e se transformar, além da prescrição mais rígida de códigos de comportamento.

*de las damas guatemaltecas*” e também com esse recurso já se acostumou fazer a bebida fria com espuma que se vende em todas as praças e ruas mexicanas. Mas nem sempre o médico enxerga com bons olhos “*que cada cual dama se precia hacer su nueva invención y modo de chocolate*” e “*otro día entiendo que lo harán con leche de gallina según se usan cada día para madama gula de invenciones*” (p. 184-185).

### **Referências bibliográficas**

ACOSTA, Joseph de. **Historia natural y moral de las Indias**. México: Fondo de Cultura Económica, 1962.

ALBALA, Ken. **Eating right in the Renaissance**. Berkeley: University of California Press, 2002.

ALCALÁ GALÁN, Mercedes. Las misceláneas españolas del siglo XVI y su entorno cultural. **DICENDA-Cuadernos de Filología Hispánica**, n. 14, p. 11-19, 1996.

BARRERA-OSORIO, Antonio. **Experiencing nature: The Spanish American empire and the early scientific revolution**. Austin: University of Texas Press, 2006.

BARTRA, Roger. **El mito del salvaje**. México: Fondo de Cultura Económica, 2011.

CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. New world, new stars: Patriotic astrology and the invention of Amerindian and Creole bodies in Colonial Spanish America, 1600-1650. In: \_\_\_\_\_. **Nature, empire, and nation: Explorations of the history of science in the Iberian World**. Stanford: Stanford University Press, 2006.

CAMPAGNE, Fabián A. **Homo catholicus, homo superstitiosus**. El discurso antisupersticioso en la España de los siglos XV a XVIII. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires; Miño y Dávila, 2002.

CÁRDENAS, Juan de. **Problemas y secretos maravillosos de las Indias**. Introducción y notas de Angeles Durán. Madri: Alianza Editorial, 1988.

\_\_\_\_\_. **Primera parte de los problemas y secretos maravillosos de las Indias**. Edición, estudio preliminar y notas de Xavier Lozoya. México: Academia Nacional de Medicina, 1980.

CRUZ CRUZ, Juan. **Dietética medieval**. Huesca: La Val de Onsera, 1997.

DURÁN, Angeles. Introducción. In: CÁRDENAS, Juan de. **Problemas y secretos maravillosos de las Indias**. Introducción y notas de Angeles Durán. Madri: Alianza Editorial, 1988, p. 7-19.

EARLE, Rebecca. **The body of the Conquistador: Food, race and the Colonial experience in Spanish America, 1492-1700**. New York: Cambridge University Press, 2012.

FERRIÈRES, Madeleine. **Histoire des peurs alimentaires: Du Moyen Âge à l'aube du XXe siècle**. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

FISHER, Andrew B.; O'HARA, Matthew (eds.). **Imperial subjects: Race and identity in colonial Latin America**. Durham: Duke University Press, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GALENO. **L'âme et ses passions**: Les passions et les erreurs de l'âme – les facultés de l'âme suivent les tempéraments du corps. Préface de Jean Starobinski; Introduction, traduction et notes par Vincent Barras, Terpsichore Birchler, Anne-France Morand. Paris: Les Belles Lettres, 1995.

GALEN. **On the properties of foodstuffs**: (De alimentorum facultatibus). Introduction: Owen Powell. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

GONZÁLEZ GONZÁLEZ, Enrique. La Universidad: estudiantes y doctores. In: RUBIAL GARCÍA, Antonio (coord.). **La ciudad barroca**: Historia de la vida cotidiana en México, tomo II. México: El Colegio de México; Fondo de Cultura Económica, 2005, p. 261-305.

\_\_\_\_\_. La enseñanza médica en la ciudad de México durante el siglo XVI. In: FRESQUET FEBRER, J. L.; LÓPEZ PIÑERO, J. M. (Eds.) **El mestizaje cultural y la medicina novohispana del siglo XVI**. Valencia: Instituto de Estudios Documentales e Históricos sobre la Ciencia, Universitat de València-CSIC, 1995, p. 129-144.

GRUZINSKI, Serge. Les mondes mêlés de la monarchie catholique et autres 'connected histories'. **Annales HSS**, v. 1, p. 85-117, 2001.

GUIANCE, Ariel. Cuando América era el paraíso: Medicina, utopía y ciencia en la obra de Juan de Cárdenas. **Revista de Historia de América**, n. 120, p. 7-34, 1995.

HERNÁNDEZ, Francisco. **Antigüedades de la Nueva España**. Madri: Historia 16, 1986.

HUARTE, Juan (de San Juan). **Examen de ingenios para las ciencias**. Estudio introductorio y edición de Guillermo Serés. Madri: Cátedra, 1989.

KLIBANSKY *et. al.*. **Saturne et la mélancolie, études historiques et philosophiques**: nature, religion, médecine et art. Paris: Gallimard, 1989.

LAVALLÉ, Bernard. **Las promesas ambiguas**: Criollismo colonial en los Andes. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú-Instituto Riva-Agüero, 1993.

LEÓN-PINELO, Antonio de. **Question moral si el chocolate quebranta el ayuno eclesiastico**. Facsímil de la primera edición (Madrid, 1636). Prólogo: Sonia Corcuera de Mancera. México: Centro de Estudios de Historia de México-CONDUMEX, 1994.

LOZOYA, Xavier. Juan de Cárdenas: Médico y científico del siglo XVI novohispano. In: CÁRDENAS, Juan de. **Primera parte de los problemas y secretos maravillosos de las Indias**. Edición, estudio preliminar y notas... México: Academia Nacional de Medicina, 1980, p. 17-53.

MARTÍNEZ, Henrico. **Reportorio de los tiempos e historia natural de esta Nueva España**. Estudio introductorio de Francisco de la Maza. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1991.

MARTÍNEZ, María Elena. **Genealogical fictions**: Limpieza de sangre, religion, and gender in Colonial Mexico. Stanford, California: Stanford University Press, 2008.

MEXÍA, Pedro. **Silva de varia lección II**. Madri: Cátedra, 1990.

MILLONES FIGUEROA, Luis. Indianos problemas: la historia natural del doctor Juan de Cárdenas. In: QUIJADA, Mónica; BUSTAMANTE, Jesús (ed.) **Élites intelectuales y modelos colectivos: mundo ibérico (siglos XVI-XIX)**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de Historia, 2002, p. 83-100.

NORTON, Marcy. **Sacred gifts, profane pleasures: A history of tobacco and chocolate in the Atlantic World**. Ithaca: Cornell University Press, 2008.

NUTTON, Vivian. God, Galen and the depaganization of Ancient medicine. In: BILLER, Peter; ZIEGLER, Joseph. **Religion and medicine in the Middle Ages**. Woodbridge: York Medieval Press, 2001, p. 15-31.

ORTIZ DE MONTELLANO, Bernard R. **Aztec medicine, health, and nutrition**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1990.

PAGDEN, Anthony. **The fall of natural man: The American Indian and the origins of comparative ethnology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

PARDO TOMÁS, José. **El tesoro natural de América: Colonialismo y ciencia en el siglo XVI**. Madrid: Nivola, 2002.

PIMENTEL, Juan. Baroque natures: Juan E. Nieremberg, American wonders, and preterimperial natural history. In: BLEICHMAR *et al.*, **Science in the Spanish and Portuguese empires, 1500-1800**. Stanford: Stanford University Press, 2009, p. 93-113.

RAMÍREZ RUIZ, Marcelo. Microcosmos. El hombre del Nuevo Mundo y la tradición grecolatina. **Estudios de Historia Novohispana**, v. 21, p. 13-47, 2000.

RICOEUR, Paul. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

SIRAISSI, Nancy G. **Medieval and early renaissance medicine: An introduction to knowledge and practice**. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

SOMOLINOS D'ARDOIS, Germán. Los impresos médicos mexicanos (1553-1618). In: FRESQUET FEBRER, J. L.; LÓPEZ PIÑERO, J. M. (Eds.) **El mestizaje cultural y la medicina novohispana del siglo XVI**. Valencia: Instituto de Estudios Documentales e Históricos sobre la Ciencia, Universitat de València-CSIC, 1995, p. 145-293.

TORCHIA ESTRADA, Juan Carlos. **Filosofía y colonización en Hispanoamérica**. México: UNAM-Instituto de Investigaciones Filosóficas; UNAM-Centro de Investigaciones sobre América Latina y Caribe, 2009.

TRATADOS HIPOCRÁTICOS III: Sobre la dieta. Sobre las afecciones. Apéndice a 'sobre la dieta en las enfermedades agudas'. Sobre el uso de los líquidos. Sobre el alimento. Introducciones, traducciones y notas por C. García Gual, J. Ma. Lucas de Dios, B. Cabello Álvarez, I. Rodríguez Alfageme. Madrid: Gredos, 1997.

URANGA, Emilio. El doctor Juan de Cárdenas (1563-1609): su vida y su obra. **Memorias de la Academia Mexicana de la Historia**, t. XXVI, p. 64-91, 1967.

VARELLA, Alexandre C. A dietética no novo mundo. Alimentos para a natureza e o governo dos corpos de índios e espanhóis, entre os séculos XVI e XVII. In: CARDONA ROJAS, Hilderman; PEDRAZA GÓMEZ, Zandra (comp.) **Al otro lado del cuerpo: estudios biopolíticos en América Latina**. Bogotá: Universidad de los Andes; Universidad de Medellín, 2014, p. 23-52.

\_\_\_\_\_. **A embriaguez na conquista da América:** medicina, idolatria e vício no México e Peru, séculos XVI e XVII. São Paulo: Alameda, 2013.

VIVEROS MALDONADO, Germán. **Hipocratismo en México:** siglos XVI al XVII. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.

*Recebido em Maio de 2017*

*Aprovado em Maio de 2017*